

FOTO: Jason Burwen

# PARAÍSO POR M<sup>2</sup>

A alternativa de ir morar no campo para fugir da capital tem se tornado um sonho cada vez mais facilitado. Muito mais do que a paisagem, o Vale do Capão, na Chapada Diamantina, oferece um estilo de vida em que ainda é possível se sentir parte de uma comunidade, atraindo baianos e estrangeiros a mudar seus estilos de vida

por  
CAROLINA  
COELHO

Da primeira década do século XIX ao final do século XX, a Chapada Diamantina viveu entre dias de riqueza e prestígio dos diamantes e do ouro ao abandono e esquecimento, renascendo, enfim, no turismo após a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, em 1985. Ainda nos anos 70, os poucos garimpeiros restantes do distrito de Caeté-Açu de Palmeiras, mais conhecido como Vale do Capão, tiveram que começar a conviver com a chegada dos primeiros alternativos, ainda embalados pelo movimento hippie.

A partir daí, a vida no Capão nunca mais seria a mesma. Integrada aos nativos, a comunidade alternativa deu início às práticas comunitárias, naturalistas, espiritualistas, sustentáveis e orgânicas, e a vila passou a ser um ponto de encontro global de visitantes à procura de autoconhecimento e contemplação. Em períodos de alta estação ou feriados, a cidade chega a receber 2,5 mil turistas.

Agora, mais um movimento de novos moradores começa a surgir. Desestimulado pela qualidade de vida dos grandes centros

urbanos e atraído a viver em um contexto social mais humanitário, este grupo formado em boa parte por baianos e estrangeiros de todas as idades, parte para o Capão para experimentar como é viver em uma comunidade que ainda preserva tais valores.

Quem está lá há mais tempo confirma. Nos últimos dez anos, o crescimento no Capão vem se fortalecendo, e não é preciso ser morador para perceber isso. Basta passar entre uma rua e outra para notar a quantidade de terrenos à venda e paredes sendo levantadas. Segundo um levantamento do projeto Sustentabilidade em Ação, montado por um grupo da Associação de Moradores do Vale do Capão, são construídas cerca de 70 a 80 novas casas por ano.

O desenvolvimento da cidade favorece o movimento. O vale que há 30 anos não tinha estrada para carros, luz, telefone e água encanada, hoje já é rota de distribuidoras de alimentos e bebidas, tem internet e telefone residencial e a maioria das casas já possui luz e água encanada. Sem tantos desafios de infraestrutura e com a possibilidade de trabalhar a distância, o sonho de viver no Capão fica cada vez mais realizável.

Ainda este ano, os 20km de estrada de terra que ligam Palmeiras ao Capão serão pavimentados com ecolopavi, um tipo de solo sustentável. O projeto que está sendo estudado prevê ainda a construção de uma estrada-parque, com passagem para animais e ciclovia, além de calçamento de pedra em toda a extensão do vale.

## QUEM JÁ ESTÁ LÁ

Exemplos de pessoas que abandonaram suas rotinas para fincar morada no Capão não faltam. A ex-funcionária pública Suzane Almeida, de 56 anos, saiu de Salvador há 26 para dar início ao plano de viver da produção de mel e da plantação orgânica no Capão. Sem conseguir mercado para seus produtos, ela virou representante de laticínios, joalheira, abriu uma pousada, até se tornar corretora, função que exerce há quatro anos.

Inserida no crescimento imobiliário da região, ela confirma que a maior parte dos seus clientes é de baianos de todas as idades à procura de um terreno para construir uma casa. Custando em média R\$30 e R\$40 o m<sup>2</sup>, o valor dos terrenos costuma depender de fatores como localização – quanto mais perto da vila, mais caro fica – passagem de rio, pomar, ou até a benevolência da vizinhança.

Os novos que chegam arranjam logo uma atividade. Tem promotora aposentada que abriu um ateliê de costura, professores que ensinam inglês aos nativos, jovens que abriram loja de aluguel de bicicleta, a maioria na intenção de ser autônomos. “O vale vive um momento de expansão e ainda tem capacidade para mais”, acredita Suzane.

A mesma opinião é compartilhada pelo designer Luca Pedreira, de 52 anos, que, após fazer um curso de bioconstrução no EcoCentro Ipec (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado), saiu de Salvador para construir por conta própria sua casa sustentável no Capão. O projeto, em andamento, conta com um mix de técnicas de bioconstrução, utilizando basicamente terra e materiais da região.

Na área de 600m<sup>2</sup>, Luca instalou uma cisterna com capacidade para 21 mil litros de água, que captará e filtrará águas da chuva. Para a energia, foram instaladas placas solares e células fotovoltaicas, e futuramente um gerador eólico, a fim de tornar a casa autossuficiente, ou seja, sem contas mensais.

Com a experiência adquirida, Luca pretende projetar e construir outras casas, formando mão de obra qualificada e disseminando velhas e novas práticas sustentáveis. “O modelo da construção civil tradicional é uma das atividades mais destrutivas e poluentes do planeta. Quero provar que é possível viver com conforto de forma mais sustentável”, provoca.



FOTOS: Carolina Coelho

A italiana Ana Mischiatti nunca havia ganhado para cozinhar até abrir seu próprio restaurante de comida vegetariana no Capão. Há três anos moradora da comunidade, após deixar uma carreira de sucesso na Itália, ela já se tornou ministra da igreja São Sebastião do Capão, padroeiro da cidade. Feliz por estar em um lugar onde as pessoas se cumprimentam mesmo sem se conhecer, ela diz que muitos italianos estão chegando, e avalia a presença de mais de 400 deles no vale.

O médico naturalista Áureo Augusto, um dos oito fundadores do Instituto Lothloren, a primeira comunidade a chegar ao Capão há 30 anos, acredita que as pessoas estejam partindo das grandes cidades na tentativa de resgatar a condição de cidadania perdida com o crescimento excessivo. Mas exalta uma preocupação coerente: “É importante que quem esteja vindo saiba preservar os hábitos e valores de sociabilidade e esteja presente na vida da comunidade local”.

#### DESAFIOS DO CRESCIMENTO

Com tanta gente chegando, é natural que as primeiras preocupações comecem a surgir. Temendo o loteamento do vale, a Prefeitura Municipal de Palmeiras está finalizando um Plano Diretor que regulamenta as especificações de metragem do terreno para compra e venda. Na área urbana – da vila até o Circo do Capão – foi estabelecido um mínimo de 600m<sup>2</sup>, enquanto que na área rural é de 1 hectare.

A questão da água também gera problemas. Apesar das muitas fontes, não existe uma sistematização padrão que funcione bem e as matrizes começam a secar. A quantidade de fossas negras, tradição entre os nativos, também ameaça a contaminação dos lençóis freáticos. A Embasa chegou a apresentar propostas para a região, mas foram rejeitadas pela população por conta do preço e do cloro na água.

Pensando em resolver tais impasses, foi aprovado pela Secretaria do Meio Ambiente da Bahia o primeiro plano de saneamento ambiental, esgotamento e distribuição de água do Vale do Capão. A iniciativa está sendo organizada pelo grupo Sustentabilidade em Ação e visa custear e construir modelos coletivos sustentáveis para cada bairro.

O projeto ainda prevê oficinas para a comunidade com especialistas que mostrem como devem ser feitas fossas biosséticas. A socióloga soteropolitana Maria Medrado, uma das voluntárias, acredita que a troca entre nativos e forasteiros é um dos grandes benefícios do projeto. “Estamos tentando incorporar práticas globais de sustentabilidade para trazer soluções para os problemas de crescimento urbano que nós mesmos trouxemos”, explica. **[B+]**

*De cima para baixo: A italiana Ana Mischiatti em frente ao seu restaurante de comida vegetariana, Luca Pedreira exhibe uma de suas casas, e a ex-funcionária pública Suzane Almeida, que saiu de Salvador e abriu uma pousada no Capão*



FOTOS: Carolina Coelho

# A CHAVE DO SEU SUCESSO PODE ESTAR COM A NNOVA!



VENDEMOS, ALUGAMOS E  
ADMINISTRAMOS O SEU IMÓVEL  
COM A CONFIANÇA E EFICIÊNCIA  
QUE VOCÊ MERECE!

## NNOVA

SOLUÇÕES IMOBILIÁRIAS

(71) 3507-7777

[www.nnovaimobiliaria.com.br](http://www.nnovaimobiliaria.com.br)

Rua Rubem Berta, 254, Pituba, Salvador - BA

CRECI-J 1182